

HISTÓRIAS DE ALEXANDRE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ramos, Graciliano, 1892-1953

Histórias de Alexandre / Graciliano Ramos. - São Paulo : Paulus, 2026.

II. (Coleção Clássicos da literatura juvenil)

ISBN 978-85-349-6543-9

1. Literatura infantojuvenil brasileira – Contos I. Título II. Série

26-2986

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil brasileira

Coleção CLÁSSICOS DA LITERATURA JUVENIL

- *Histórias de Alexandre*, Graciliano Ramos
- *A volta ao mundo em 80 dias*, Júlio Verne
- *Cinco semanas em um balão*, Júlio Verne

GRACILIANO RAMOS

HISTÓRIAS DE ALEXANDRE

ILUSTRAÇÕES: FRANCISCO VEIGA





Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Coordenação editorial

Christiane Angelotti

Tatianne Francisquetti

Revisão

Tiago José Risi Leme

Tarsila Doná

Design

Julia Ahmed

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

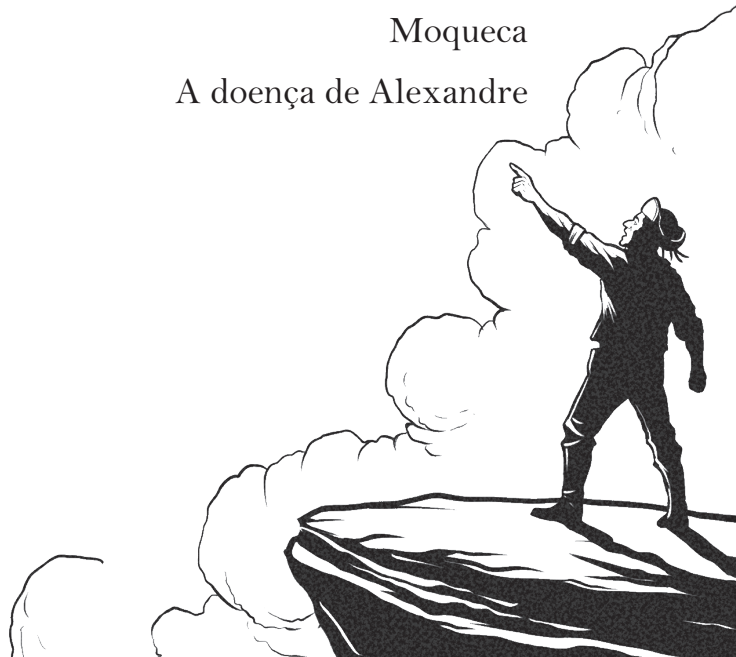
Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6543-9

Índice

7	Apresentação
9	Primeira aventura de Alexandre
15	O olho torto de Alexandre
23	História de um bode
31	Um papagaio falador
37	O estribo de prata
45	O marquesão de jaqueira
53	A safra dos tatus
59	História de uma bota
65	Um missionário
71	Uma canoa furada
77	História de uma guariba
83	A espingarda de Alexandre
89	Moqueca
95	A doença de Alexandre



Apresentação

Publicado originalmente em 1944, *Histórias de Alexandre* é um dos livros mais inventivos e bem-humorados de Graciliano Ramos. Diferente do tom seco e rigoroso que marca grande parte de sua obra, aqui o autor se permite brincar com a oralidade, o exagero e a imaginação popular.

Alexandre é um contador de causos. Em rodas de conversa, ele narra façanhas extraordinárias vividas no sertão: aventuras improváveis, encontros surpreendentes e feitos grandiosos, sempre contados com absoluta convicção, ainda que desafiem qualquer noção de realidade. Entre o riso e a dúvida, o leitor é convidado a entrar nesse jogo narrativo em que a palavra tem força própria e a verdade se mistura à fantasia.

Mais do que simples histórias engraçadas, o livro revela a riqueza da tradição oral nordestina, valorizando a memória

coletiva, o prazer da escuta e a arte de narrar. Graciliano constrói um texto ágil, preciso e profundamente literário, que dialoga tanto com leitores jovens quanto com adultos, mediadores e educadores.

Esta nova edição busca apresentar *Histórias de Alexandre* a novos leitores, preservando a força do texto original e destacando seu caráter lúdico, narrativo e cultural, atributos de uma obra que reafirma a literatura como espaço de imaginação, de escuta e de partilha.

Christiane Angelotti



Primeira aventura de Alexandre

9

Naquela noite de lua cheia, estavam acorados os vizinhos na sala pequena de Alexandre: seu Libório, cantador de emboladas, o cego preto Firmino e mestre Gaudêncio curandeiro, que rezava contra mordeduras de cobras. Das Dores, benzedeira de quebranto e afilhada do casal, agachava-se na esteira cochichando com Cesária.

— Vou contar aos senhores... — principiou Alexandre amarrando o cigarro de palha.

Os amigos abriram os ouvidos e Das Dores interrompeu o cochicho:

– Conte, meu padrinho.

Alexandre acendeu o cigarro ao candeiro de folha, escanchou-se na rede e perguntou:

– Os senhores já sabem por que é que eu tenho um olho torto?

Mestre Gaudêncio respondeu que não sabia e acomodou-se num cepo que servia de cadeira.

– Pois eu digo – continuou Alexandre. – Mas talvez nem possa escorrer tudo hoje, porque essa história nasce de outra, e é preciso encaixar as coisas direito. Querem ouvir? Se não querem, sejam francos: não gosto de cacetear ninguém.

Seu Libório cantador e o cego preto Firmino juraram que estavam atentos. E Alexandre abriu a torneira:

– Meu pai, homem de boa família, possuía fortuna grossa, como não ignoram. A nossa fazenda ia de ribeira a ribeira, o gado não tinha conta e dinheiro lá em casa era cama de gato. Não era, Cesária?

– Era, Alexandre – concordou Cesária. – Quando os escravos se forraram, foi um dismantelo, mas ainda sobram alguns baús com moedas de ouro. Sumiu-se tudo.

Suspirou e apontou desgostosa a mala de couro cru onde seu Libório se sentava:

– Hoje é isto. Você se lembra do nosso casamento, Alexandre?

– Sem dúvida – gritou o marido. – Uma festa que durou sete dias. Agora não se faz festa como aquela. Mas o casamento foi depois. É bom não atrapalhar.

– Está certo – resmungou mestre Gaudêncio curandeiro.
– É bom não atrapalhar.

– Então escutem – prosseguiu Alexandre. – Um domingo eu estava no copiar, esgaravando as unhas com a faca de ponta, quando meu pai chegou e disse: “Xandu, você nos seus passeios não achou roteiro da égua pampa?”. E eu respondi: “Não achei, nhor não”. “Pois dê umas voltas por aí”, tornou meu pai. “Veja se encontra a égua.” “Nhor sim.” Peguei um cabresto e saí de casa antes do almoço, andei, virei, mexi, procurando rastos nos caminhos e nas veredas. A égua pampa era um animal que não tinha aguentado ferro no quarto nem sela no lombo. Devia estar braba, metida nas brenhas, com medo de gente. Difícil topar na catinga um bicho assim. Entretido, esqueci o almoço e à tardinha descansei no bebedouro, vendo o gado enterrar os pés na lama. Apareceram bois, cavalos e miunça, mas da égua pampa nem sinal. Anoiteceu, um pedaço de lua branqueou os xiquexiques e os mandacarus, e eu me estirei na ribanceira do rio, de papo para o ar, olhando o céu, fui-me amadornando devagarinho, peguei no sono, com o pensamento em Cesária. Não sei quanto tempo dormi, sonhando com Cesária. Acordei numa escuridão medonha. Nem pedaço de lua nem estrelas, só se via o carreiro de Sant’Iago. E tudo calado, tão calado que se ouvia perfeitamente uma formiga mexer nos garranchos e uma folha cair. Bacuraus doidos faziam às vezes um barulho grande, e os olhos deles brilhavam como brasas. Vinha de novo a escuridão, os talos secos buliam, as folhinhas das catingueiras voavam. Tive desejo de voltar para casa, mas o corpo morrinhento não me ajudou. Continuei deitado, de barriga para cima, espiando o carreiro